

Lambadão: A invenção de um circuito cultural e comunicacional na Baixada Cuiabana¹

Yuji Gushiken²

Sandra Rosa Maria Souza³

Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT/Cuiabá

Resumo

O lambadão é um gênero musical criado e difundido na Baixada Cuiabana, constituindo um circuito cultural e comunicacional que compreende a circulação de bandas pelas festas de santo e o trabalho musical em casas noturnas especializadas. Neste artigo, esboçam-se hipotéticas origens do lambadão e narram-se episódios sobre a emergência e consolidação do gênero. De modo específico, apresenta o circuito de casas noturnas e eventos historicamente constituídos pelas bandas no espaço urbano. Em perspectiva folkcomunicacional, o lambadão emerge nos bairros periféricos da Grande Cuiabá, dialoga com as tradições folclóricas locais e com produções musicais de outras regiões, inventando seus próprios modos de produção, circulação e consumo.

Palavras-chave: Folkcomunicação; lambadão; Baixada Cuiabana; música popular.

Introdução

A música popular urbana, no Brasil, ganha contornos de produção cultural local/regional, fomentando a economia de serviços em várias metrópoles que vivem hoje mais intensamente de suas atividades expressivas no campo da cultura. Embora a noção de produção cultural seja difusa, nota-se a consolidação de vários circuitos musicais que recriam o significado de cultura na interface com o campo da comunicação.

Na Baixada Cuiabana, um gênero musical emergiu na década de 1990, no bojo do desenvolvimento das tecnologias de reprodução digital, da economia do lazer e do processo de metropolização da Grande Cuiabá. Trata-se do lambadão, que junto com as manifestações musicais tradicionais do rasqueado, do cururu e do siriri, representa a emergência de uma

¹ Artigo apresentado no GP de Folkcomunicação (DT 8 Estudos Interdisciplinares) do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 04 a 09 de setembro de 2013 na Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Manaus, Amazonas, Brasil.

² Professor do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: yug@uol.com.br.

³ Graduada em Comunicação Social (habilitação em Radialismo) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). E-mail: sandrasmrosa@gmail.com.

produção cultural que se caracteriza como popular urbana.

O popular urbano, em sua condição local/regional, apresenta algumas variáveis que o caracterizam: a) a inserção de seus produtos no mercado da indústria do entretenimento; b) a forte relação de produção e consumo dos segmentos populares, c) a reprodução dos processos de aprendizagem de modo autodidata; e d) já na passagem de século XX ao XXI, o uso intensivo de instrumentos musicais e equipamentos musicais e midiáticos digitais.

Em perspectiva folkcomunicacional (BELTRÃO, 1980), a narrativa do lambadão refere-se a histórias das margens do que se compreende como produção cultural num país ainda de fortes contrastes econômicos e intensas diferenciações culturais como o Brasil. Trata-se de histórias de garimpeiros, pedreiros e outros profissionais dos segmentos populares da Baixada Cuiabana, que, num primeiro momento em iniciativas isoladas, e em momentos posteriores, já em iniciativas coletivas, inventaram o que nos dias de hoje representa o maior e mais significativo movimento de cultura popular urbana em Mato Grosso.

Na década de sua emergência como gênero regional, o lambadão estava refazendo um imaginário mundializado no qual se ouvia a internacionalizada *house music*, que mais tarde cederia espaço para o *techno*, ambas versões da música eletrônica. No plano da música pop, astros como Michael Jackson e Madonna constituíam ainda a imaginação de milhões pessoas no mundo todo. No Brasil, gêneros como a axé music do carnaval baiano e a lambada de origem paraense ganhavam espaço na discografia da música popular para dançar.

Uma versão da história do lambadão de Mato Grosso é narrada neste artigo com base em pesquisa de campo às casas noturnas especializadas no gênero na Grande Cuiabá, entrevistas com atores sociais ligados à produção musical, busca de CDs (originais e falsificados) em feiras e no comércio popular (os chamados camelôs). Em perspectiva folkcomunicacional, aponta o lambadão como gênero que emerge das massas populares da Baixada Cuiabana, tendo o ano de 2009 como referência, para afirmar a constituição de um circuito cultural e comunicacional que compreende produção musical, criação de danças e organização de eventos.

Lambadão: Condições de emergência e funcionamento

A combinação de três ritmos musicais populares nas regiões Norte e Nordeste – lambada

e carimbó (ambos populares no Pará) e axé music (Bahia) – foi o ponto de partida para a criação do gênero musical hoje conhecido em Cuiabá e seu entorno de influência geográfica como lambadão. Hipoteticamente, trata-se de um gênero que, no bojo de sua invenção como experimento musical, primeiramente foi produzido em Poconé, cidade localizada no Pantanal Mato-Grossense, e posteriormente levado a outras cidades, entre elas Cuiabá e Várzea Grande, que juntas compõem o núcleo principal da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC).

O músico José Moraes, nascido em Barão de Melgaço, município localizado também no Pantanal Mato-Grossense, é apontado por músicos de lambadão e fãs como um dos nomes que deram origem ao gênero então em processo de invenção. Pantaneiro, ele chegou com 14 anos em Poconé e começou a trabalhar num dos garimpos da cidade, onde havia ouro de aluvião e a economia do município ainda tinha relação com o extrativismo mineral. Com o passar dos tempos, com o ouro foi se esgotando e, pretendendo mudar de profissão, José Moraes começou a se interessar por música.

José Moraes, de modo costumeiro, vivia em companhia de pessoas que tocavam instrumentos musicais. Assim começou sua ligação com o mundo boêmio e a produção artística. Na prática, seu processo de aprendizagem foi o de um autodidata, como é comum nos ambientes populares. Atualmente, ele trabalha em uma escola municipal em Várzea Grande, como agente de segurança e manutenção. Foi um dos que acompanhou e participou ativamente do desenvolvimento do lambadão como gênero musical em processo de invenção, sendo compositor de músicas hoje conhecidas do público que acompanha a produção desse segmento musical.

Quando morava em Poconé, ele se dizia apaixonado pelos três gêneros que deram base rítmica ao que viria ser hoje o lambadão. Em 1986, Moraes começou a compor canções e a tocá-las publicamente em uma banda que se chamava Novo Espaço, em Poconé (Pantanal Norte em Mato Grosso). Em suas memórias, José Moraes lembra que, ao tocar suas experimentações musicais, as pessoas gostavam muito de dançar o ritmo que estava sendo proposto, mas que naquele ano ainda não tinha uma designação.

A origem do nome “lambadão” é creditada ao momento em que ele compõe uma canção cuja letra dizia “Vamos dançar, dançar, dançar o lambadão”, ainda na época em que ele tocava

na banda Novo Espaço. A partir da divulgação dessa letra, o ritmo passou a ficar popularmente conhecido pelo nome de lambadão, difundindo-se por diversas cidades de Mato Grosso, principalmente na Baixada Cuiabana. Em uma de suas composições, José Moraes assim produziu trecho da letra da canção “Lambadão de Poconé”: “Vamos dançar: este é o lambadão de Poconé”. A citação de Poconé na letra sugeriu que o lambadão tivesse origem ligada à cidade localizada no Pantanal Norte, embora se trate de uma informação difusa e apenas sugestiva.

Na década de 1990, José Moraes conheceu aquele que viria a ser seu futuro parceiro musical: Chico Gil, que foi tocar na mesma banda Novo Espaço. Formada a dupla, José Moraes e Chico Gil acreditavam que o ritmo, já sucesso de público em nível comunitário e local, poderia continuar e mesmo aumentar a performance diante do público que se começava a ser produzido na circulação e consumo do então nascente gênero musical. Mas, apesar do entusiasmo inicial, a banda encerrou as atividades por motivos até hoje não explicitados. José Moraes e Chico Gil revigoraram a parceria em 1996, tocando, ambos, em outra banda que se passou a se chamar Gil Banda Show.

Em 1996, a partir do trabalho desenvolvido pela banda Gil Banda Show, o ritmo do lambadão então emergente já era conhecido em Mato Grosso, em especial na Baixada Cuiabana. Tocava em várias estações de rádio na região de Cuiabá e no interior do estado. A parceria entre José Moraes e Chico Gil também se desfez, e a Gil Banda Show encerrou suas atividades musicais. Chico Gil seguiu carreira solo, continuou investindo no estilo e passou a ser conhecido como o “Rei do Lambadão”, fazendo grande sucesso de público por algum tempo. Porém, morreu em um acidente de automóvel em 30 de julho de 2000.

José Moraes foi convidado a tocar na banda Estrela Dalva, que fez muito sucesso com o ritmo então em fase desenvolvimento e gravou o primeiro CD, em 1998, embora não se possa precisar o dia e o mês da gravação. Nesse primeiro trabalho de registro do gênero, então em processo de maturação rítmica e como produto cultural, grande parte das músicas gravadas era de José Moraes. Uma das canções que mais fazia sucesso junto ao público tinha o título de “Vou dançar com essa menina”, que compõe a segunda faixa do CD que levava apenas o nome da banda.

A canção ganhou grande popularidade naquele ano, virou uma espécie de *hit* da banda,

que acabou tornando-se uma das mais conhecidas na difusão do gênero lambadão. Como acontece com os gêneros musicais de consumo popular, a consolidação de um *hit* como grande sucesso de público era o que faltava para o processo de massificação do lambadão, ao menos em escala local e regional. A canção, cuja letra sugeria uma música para dançar, tornou-se um marco no processo de produção, circulação e consumo de lambadão como produto da indústria criativa na região da Baixada Cuiabana.

Se os primeiros acordes e letras de lambadão não foram tocados e compostos em Cuiabá, esta foi a cidade que dinamizou o circuito que compreende as condições de produção, circulação e consumo do gênero então em processo de invenção. Entre os dispositivos que permitiram a emergência desse circuito estão as casas noturnas que tem funcionado como espaço de circulação da produção musical e lazer da juventude em bailes e domingueiras na Baixada Cuiabana.

Entre os espaços onde o gênero começou a se destacar havia estabelecimentos comerciais em Cuiabá, como a choperia Nosso Canto (bairro Dom Aquino), Canecão (avenida Beira-Rio) e Ponto Alto (Residencial Paiaguás), sendo que esses dois últimos não estão mais em funcionamento. Por proximidade geográfica, o gênero começou a fazer sucesso também em Várzea Grande, município da Grande Cuiabá, onde funcionam atualmente (dados de 2013) as principais casas noturnas do gênero, além de outras cidades do interior de Mato Grosso, em especial na região da Baixada Cuiabana.

O lambadão, como gênero musical, começou a firmar-se como fenômeno musical e cultural na Grande Cuiabá no final da década de 1990. A agenda da banda Estrela Dalva, que começava a se tornar um dos grandes ícones do gênero, estava sempre lotada. Naquela década havia apresentações agendadas para quase todos os dias do mês. Em suas memórias, José Moraes recorda que a banda “fazia uma média de 25 shows por mês”. Devido ao sucesso local, e já em fase de regionalização, a banda foi convidada a se apresentar no popularesco Programa do Ratinho, então no SBT, em cadeia nacional de televisão. Com o apelo ao popular regional, o programa teve grande audiência na cidade no dia da apresentação da banda. Porém, o modo como a direção do programa exibiu e comentou o lambadão teve efeito negativo pelo fato de terem enfatizado variações eróticas da dança, o que acabou por produzir uma imagem reduzida e

estereotipada do vocabulário de dança também em processo de criação pelos adeptos do gênero.

Seguindo a Estrela Dalva e seus Outras bandas

Ao longo da trajetória artística, a banda Estrela Dalva gravou três CDs. Depois, devido a atritos internos, a banda encerrou carreira. Apesar de a banda, considerada pioneira do gênero, ter encerrado suas atividades, outras bandas continuaram a tocar o ritmo na época, dando continuidade e mesmo aumentando a dimensão sociocultural do nascente gênero popular urbano. Entre essas bandas estavam Os Maninhos, Real Som, Erre Som, Mega Boys, Stillo Pop Som, Sensação, Sintonia Show, Scort Som, entre outras que conseguiram firmar carreira e hoje são conhecidas do público. Com o passar do tempo, novas bandas foram surgindo. Algumas se firmaram no circuito nascente de lambadão, outras também encerraram atividades, nos relatos de José Moraes.

Em 2007, José Moraes começou a fazer parte da banda Os Amigos. Permaneceu por um ano, mas não chegou a fazer novas composições para essa banda. Em 2008 começou a tocar na banda Amigos Banda Show, onde permaneceu até setembro de 2009. Até aquele ano, a Amigos Banda Show possuía dois CDs gravados, entrando em estúdio para a gravação do terceiro em agosto, com projeto para gravação de DVD que estava programado para acontecer durante o 1º Festival de Lambadão, realizado nos dias 5 e 6 de setembro de 2009. A produção de CD e DVD, no caso da Amigos Banda Show, tem sido um investimento do próprio empresário e da produtora da banda.

Conforme relatos de Gisa Barros, produtora da banda, a gravação de CDs sempre foi realizada de forma independente. Duas bandas – Amigos Banda Show e Real Som – fizeram um projeto e encaminharam para a Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso e conseguiram, pela primeira vez nesta ainda breve história do lambadão, incentivo governamental, no valor de R\$ 18 mil, para gravação de CD.

De acordo com a produtora da banda, o CD é gravado com um objetivo muito específico: divulgação do trabalho musical. Por isso, a tiragem em geral é de apenas 500 unidades, podendo chegar a mil. A divulgação é feita a partir da doação de CDs da banda para as emissoras de rádio, para os amigos ou dados como brinde na compra do ingresso para algum

dos muitos eventos realizados ao longo da semana entre casas noturnas em Cuiabá, Várzea Grande, Cáceres, Poconé e outras cidades onde o gênero já é bastante difundido.

Os CDs não são distribuídos no comércio informal dos camelôs e nem são vendidos em lojas. Para Gisa Barros, o fato de não serem vendidos no comércio formal deve-se ao fato de algumas bandas não possuírem Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), que é o registro de uma empresa. Na percepção das bandas, trata-se de um processo administrativo que vem se tornando muito burocrático e que dificulta ao mesmo tempo as atividades artísticas e empresariais. A única banda que tinha o registro era a banda Erre Som.⁴

Nessa situação, os CDs acabam sendo alvos de reprodução informal, o que explica a venda em camelôs no centro da cidade e nas feiras em bairros da periferia em Cuiabá e Várzea Grande e também em cidades do interior de Mato Grosso. As bandas de lambadão alegam pagar um preço alto para fazer uso de estúdios em Cuiabá, não tendo retorno do dinheiro investido. Em média, o ingresso para um evento de lambadão varia de R\$ 8 a R\$ 10. Nos camelôs compram-se entre quatro e cinco CDs por R\$ 10, em média. A produtora Gisa Barros considera que os camelôs acabam favorecendo a divulgação da banda. Muitas pessoas não podem ir a todos os eventos, e o acesso às músicas se dá taticamente através do consumo de CDs piratas.

Conforme relatos de Gisa Barros, algumas bandas, ao receberem cachê, o dividem entre todos os componentes e o empresário, sendo que este personagem é uma espécie de empresário-sócio. Em outras bandas, o percentual do empresário em geral é reservadamente de 40%, sendo o empresário um administrador. Nas bandas das quais o empresário é sócio, como é o caso da Amigos Banda Show, o cachê é de R\$ 600 por show de uma hora e dividido em partes iguais para todos. Desse valor separa-se o pagamento dos bailarinos, que ganham por noite, e depois é dividido de forma igual com todos os músicos da banda, inclusive o empresário.

O lambadão tem grande aceitação em várias cidades do interior de Mato Grosso, entre elas estão: Cáceres, Poconé, Livramento, Rosário Oeste, Santo Antônio de Leverger, Nobres, Nova Mutum, Jaciara. O circuito de lambadão, que se adensa principalmente em Cuiabá e Várzea Grande, passa a ter um novo mapa conforme as bandas passam a circular cada vez mais para produção de shows e festas populares em cidades do interior.

⁴ Dados recolhidos até dezembro de 2009.

Além das bandas, duplas que tocam nas noites, principalmente usando equipamentos portáteis que barateiam viagens, passam a tocar o ritmo em noites dançantes pelo interior de Mato Grosso. As bandas denominadas genericamente de “eletro ritmo” possuem somente três componentes, no estilo da Banda Erre Som. A diferença entre as bandas de eletro ritmo e as bandas completas está no detalhe da bateria. As bandas de eletro ritmo usam o som da bateria existente no teclado eletrônico. Com menor número de componentes e poucos instrumentos, essas bandas têm mais facilidade para se locomover entre as casas noturnas e entre as cidades, fazendo muitos shows no interior de Mato Grosso e não raro mais de um show por noite. O já conhecido teclado eletrônico, capaz de reproduzir a sonoridade de uma banda inteira, é usado constantemente por músicos que tocam lambadão em seu repertório musical.

Na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá e no interior, tocar lambadão no repertório musical já é algo cotidiano nos lares noturnos de parte da população, em especial nas periferias das cidades. Com dados de 2009, estimava-se que havia cerca de 30 bandas de lambadão em atividade em Mato Grosso, concentradas enfaticamente na Grande Cuiabá. Essas bandas movimentam um mercado ainda não adequadamente identificado no segmento de lazer noturno e musical, considerando que no circuito empregam-se diretamente músicos, produtores musicais, iluminadores, dançarinos, técnicos de som e, indiretamente, constituem a renda de garçons, cozinheiros, seguranças, gerentes de bar, taxistas, mototaxistas.

Lambadão: circuito cultural e comunicacional

O aumento no número de bandas foi simultâneo à ampliação do circuito de produção, circulação e consumo de lambadão. O circuito é formado por diversas casas noturnas, entre casas de show que se dedicam especificamente ao gênero, e bares de pequeno porte, que tocam lambadão como atração principal das noites musicais. Os adeptos do gênero, através de sistemas de comunicação on line (redes sociais, sites e e-mails) e telefonia móvel, se informam a respeito de eventos de grande porte e mesmo onde o lambadão é tocado como música ao vivo para entreter clientes, seja ao vivo ou através de pequenas bandas. Informações sobre lambadão são escassas nos cadernos de cultura da imprensa em Cuiabá, uma vez que as manifestações da cultura popular urbana em geral tendem a não ser consideradas “produção cultural” diante do que

o campo jornalístico local define como pauta.

Na virada da primeira década dos anos 2000, o lambadão passou dos bares de Cuiabá para casas noturnas localizadas na cidade de Várzea Grande, que com Cuiabá forma a base da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC). Em hipótese, esta passagem ao outro lado do rio se deve ao investimento de antigos realizadores de festas de santo em Várzea Grande que passaram a reproduzir o ambiente de festa nos finais de semana ao longo do ano todo. A proliferação de casas de lambadão, principalmente ao “alto Várzea Grande”, fez com que o circuito se organizasse em forma de rodízio, ou seja, a cada dia da semana funcionava uma casa, havendo programação musical ao menos quatro vezes por semana.

O rodízio de casas ao longo dos dias evita a concorrência predatória e acabar por fomentar um circuito cultural do lambadão na área metropolitana que se estende de quinta-feira a domingo, dias de maior frequência às casas noturnas.

- *Quinta-feira*: A semana de lambadão começa na quinta-feira, na Cabana da Dudu, localizada na região central de Várzea Grande. Nessa casa, em geral, há duas bandas fixas: Amigos Banda Show e Os Garotos, que entram como sócias do negócio. Outras bandas se apresentam ao longo da noite como convidadas, fazendo um rodízio de apresentações entre 22h e 4h. As bandas associadas atuam como empreendedoras. Portanto, as bandas convidadas recebem cachê de acordo com o lucro de cada noite. O nome da casa é atribuído à antiga proprietária, já falecida, que se chamava Dona Dudu.

Antes de se tornar espaço para shows e bailes, a casa de Dona Dudu era local de realização de festas de santo, muito numerosas no período pós-carnaval e durante o inverno na Baixada Cuiabana. Se contar a informalidade dos eventos festivos religiosos até hoje, a casa já tem pelo menos 50 anos de funcionamento como espaço de sociabilidade que envolve práticas da cultura popular. A partir de 1998, Cecílio Barros, proprietário de uma distribuidora de bebidas em Várzea Grande, começou a promover eventos de lambadão no local.

A casa passou então a se constituir como um dos espaços de produção, circulação e consumo do lambadão na Grande Cuiabá, dando início ao circuito semanal. O dia de grande movimento na casa é a quinta-feira, quando chega a receber um público que varia em torno de 1,5 mil pessoas por noite, com ingressos que variam de R\$ 5 a R\$ 10. Em eventos especiais, que

agregam várias bandas em trabalho cooperativo, os preços variam, há distribuição e venda de CDs e anúncios de futuros eventos tanto na Cabana da Dudu quanto nas outras casas do circuito.

- *Sexta-feira*: O Clube do Zé Pimenta, na região central, e o Galpão, no bairro Cristo Rei, ambos em Várzea Grande, na Grande Cuiabá, concentram a atenção do público de lambadão na sexta-feira. O Clube do Zé Pimenta é uma casa originalmente residencial, adaptada para shows e eventos, dispondo de um grande espaço para receber cerca de mil pessoas. A casa funciona há pelo menos vinte anos, constituindo-se como um dos espaços de circulação e consumo de lambadão mais significativos para o gênero. A casa é provavelmente uma das que dispõe de melhor infra-estrutura, estando próxima à principal avenida comercial do chamado “Alto Várzea Grande”, onde se concentram bares e restaurantes populares. Estima-se que a casa receba, em dias de maior movimento, cerca de 500 a mil pessoas nas sextas-feiras, número que se altera conforme variáveis: se é final ou início de mês, dimensão do evento produzido e tipo de promoção. A casa funciona com rodízio de bandas ao longo da noite, que se inicia por volta de 23h e se estende até às 4h ou um pouco mais.

A casa noturna O Galpão, criada em 1993, possui dois palcos fixos. A princípio, a idéia a casa era trabalhar com os gêneros sertanejo e vanerão. O lambadão, assim que começou a ganhar força como gênero popular, entrou no Galpão após muitos pedidos do público, que já apreciava ouvir e dançar o gênero mato-grossense em ascensão. O Galpão, portanto, incorporou o gênero lambadão com base numa política de flexibilização frente à opinião e às demandas de consumo da clientela.

Em 2009, nas noites de lambadão das sextas-feiras, cinco bandas do gênero em média atraem pelo menos mil pagantes, dividindo o público com o Clube do Zé Pimenta e outros pontos onde já se tocava lambadão. No auge da banda Estrela Dalva, uma das pioneiras do gênero, a casa chegou a ter em uma noite quatro mil pagantes.

Atualmente a casa tem dias destinados aos três gêneros. Na sexta-feira, é destinado ao lambadão, quando cinco bandas se apresentam a partir da meia-noite, tendo uma hora para cada apresentação. Diversas bandas do gênero – Amigos Banda Show, Bad Boys, Scort Som, Os Veninhos, Os Ciganos, Erre Som, Mega Boys, Real Som, Os Amigos, entre outras – fazem um rodízio a cada sexta-feira. A média de público varia de 400 a 1.500 pessoas conforme o evento,

se lançamento de CD ou promoções. O cachê das bandas também varia de R\$ 300 a R\$ 2 mil. Na sexta-feira, o público é a nova geração de cuiabanos que dança virtuosamente o lambadão.

- *Sábado*: O D’Paula Club, também em Várzea Grande, foi também uma das principais casas noturnas dedicada ao lambadão na Grande Cuiabá e em Mato Grosso. Antes de receber esse nome, a casa se chamava Clube do Aluísio. Atualmente a casa, que posteriormente mudou novamente de nome (Central Show) tem um palco, um camarim, dois bares, dois salões, dois banheiros, uma cozinha, uma churrasqueira, tendo num total de 1.687 m² de área coberta. O clube tem capacidade para receber até quatro mil pessoas. Segundo o proprietário, Jair Almeida, “o D’Paula Clube conseguiu alcançar segmentos sociais que antes desconheciam o lambadão”. A nova casa está localizada próxima ao Aeroporto Internacional Marechal Rondon e da área comercial de Várzea Grande, o que favoreceu a visibilidade do lambadão para públicos mais amplos.

Nos bailes de sábado recebia em média mais de duas mil pessoas. Segundo o proprietário, a média de público na casa varia: no início do mês, quando trabalhadores recebem salário, o público aumenta. Na metade do mês, é razoável e, no fim do mês, diminui. O público também tende a aumentar quando há eventos especiais, como gravação ou lançamento de CD ou DVD, de bandas de lambadão.

- *Domingo*: O Clube do Marreco, localizado na região central de Várzea Grande, é o principal ponto de concentração para se ouvir e dançar lambadão aos domingos. O baile tem início às 17h e vai até 1h. O ambiente lembra um galpão com um bar e um palco. Há um quintal típico das residências da Baixada Cuiabana, incluindo mangueiras e outras árvores, num ambiente muito simples e que sugere informalidade.

A Amigos Banda Show e outras bandas convidadas fazem a produção da domingueira. No ambiente simples do Clube do Marreco, a Amigos Banda Show lança mão de um formato de banda mais completo: nos metais, três músicos tocam saxofone, trombone e trompete, cujos sons graves e agudos dão mais densidade sonora ao ritmo do lambadão, uma tendência que indica um processo de sofisticação das bandas.

O circuito se amplia: A espacialidade do lambadão

Fora do circuito das casas noturnas que funcionam com frequência ao longo da semana, o circuito de lambadão passou a incluir espaços em vários pontos da cidade, em eventos específicos voltados para o gênero ou em eventos nos quais o lambadão vai sendo inserido como elemento constituinte da programação. Os eventos, em sua maioria, foram realizados em curto período, mas contribuíram para demarcar a espacialidade do lambadão nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande.

- *Praça do Rasqueado*: A Praça Caetano Albuquerque, no Centro de Cuiabá, nas quintas-feiras, a partir das 18h, recebia um evento semanal cujo atrativo principal eram as bandas de lambadão que animavam as noites na hora do *happy-hour*. O evento, que tinha o nome de Praça do Rasqueado, era organizado pelo cantor Guapo, com apoio do Conselho Estadual de Cultura. Depois o evento passou a ser produzido pelo cantor Éder, da Banda Legislativo, que não era uma banda específica de lambadão. A banda Legislativo passou a convidar bandas de lambadão para se apresentar na programação.

- *Circuito do Lambadão*: Ocorre sempre depois do Circuito de Pagode, evento de amplitude nacional que circula por várias cidades do país. Em Cuiabá, o evento geralmente é realizado no mês de maio. As bandas de lambadão aproveitam a dinâmica do circuito de pagode, gênero musical já massificado em praticamente todo o país, para fazer funcionar o lambadão em circuito próprio.

- *Duelo de Lambadão*: Ocorre em seguida de outro evento nacional do gênero musical sertanejo chamado Duelo de Gigantes. O gênero musical regional lambadão, aproveita a denominação do evento nacional e inventa seu próprio evento.

- *Festas de santo*: Estes eventos em Cuiabá, em Várzea Grande e na Baixada Cuiabana também difundem o gênero. Na região, além das festas maiores e mais conhecidas, como a de São Benedito, em Cuiabá, há inúmeras festas promovidas por entidades as mais variadas, onde o lambadão se faz presente como um dos gêneros marcantes da vida social local e regional.

- *24 horas de Lambadão*: realizado no feriado de *Corpus Christi*;
- *30 horas de Lambadão*: realizado na véspera do feriado do Dia do Trabalhador;
- *Independência do Lambadão*: realizado na véspera do feriado da Independência do Brasil.

Festival de Lambadão: O circuito na política cultural

Em Várzea Grande aponta-se um movimento cultural em processo de organização que inclui trabalhadores de várias áreas: produtores de artesanato, rendeiras de Limpo Grande, praticantes de siriri e cururu, além do lambadão, entre outros segmentos, que pretendiam formar uma associação para obter apoio do Ministério da Cultura. Um dos objetivos da associação era tornar o lambadão um elemento relevante na paisagem cultural local, assim como as manifestações tradicionais, uma vez que já havia se instalado no cotidiano cuiabano, varzeagrandense e mato-grossense como cultura popular urbana. A primeira reunião para discutir essa possibilidade foi realizada no dia 25 de julho de 2009.

A cidade de Várzea Grande tem 24 conselheiros para votar no Conselho Estadual de Cultura. Os delegados são formados por músicos, produtores, empresários e outros atores sociais. Alguns desses delegados formam uma chapa que faz parte do movimento que tem o intuito de organizar a associação. Entre os componentes da chapa que formam os 24 delegados, alguns fazem parte de bandas de lambadão.

A escolha das bandas para participar do 1º Festival de Lambadão foi feita da seguinte forma: seis bandas relacionadas com a chapa foram incluídas. Depois foram chamadas as outras quatro bandas que não fazem parte do movimento. Não foi pago cachê para as bandas, mas cachê para músicos das bandas que fazem parte da chapa que forma a associação. O cachê seria dividido de forma igual para músicos da chapa. E as outras bandas convidadas foram contratadas por um determinado cachê.

A Secretaria de Cultura colabora com o evento através do incentivo governamental de R\$ 40 mil. O 1º Festival de Lambadão ocorreu nos dias 5 e 6 de setembro de 2009 na casa noturna D'Paula Club, em Várzea Grande. A entrada foi gratuita, facilitando assim o acesso ao grande público que apreciava o gênero. O evento contou com a participação de dez bandas: Amigos Banda Show, Arte e Sentimento, Bad Boys, Canarinho do Brasil, Os Federais, Os Garotos, Os Indomáveis, Real Som, Remexe Music e Swing Legal. As bandas se dividiram em dois turnos, algumas apresentando-se no sábado e outras no domingo.

No sábado foi realizada a gravação do 1º DVD triplo de lambadão, com três bandas: Amigos Banda Show, Bad Boys e Real Som. Este foi o dia mais movimentado do 1º Festival, que

atingiu um público de aproximadamente 3,5 mil pessoas. No domingo, o público pagante foi estimado em duas mil pessoas, conforme dados da produtora Gisa Barros. A produção montou dois palcos e duas mesas de som, usou seis câmeras para captação de imagens, dois fotógrafos e um auxiliar-técnico. Cada banda tinha seu produtor responsável para a gravação do DVD.

O DVD, no geral, foi produzido na DRE Produtora, em Cuiabá. A função do DVD, no caso do lambadão, é a venda do show, ou seja, divulgá-lo para que possa ser contratado. Nesse caso, o DVD tem estrategicamente um preço simbólico, para que fique mais acessível ao público, formado basicamente por adultos jovens.

O Festival, que custou R\$ 58 mil, segundo dados da produtora, teve como patrocinadores empresas de vários segmentos econômicos: Supermercado Monte Real, Arroz Tio Alvinho, Distribuidora de Bebidas do Cecílio, Rádio Comunitária Estação VG, Drogeria Cuiabá Farma, Bell'Som, Gráfica Cromos, SL Tendas, Cervejas Cristal e Secretária de Cultura do Estado de Mato Grosso. O patrocínio serviu para pagar os custos de filmagem. O lucro das bebidas serviu para pagar os demais gastos.⁵

O objetivo do festival é a divulgação do lambadão e sua acessibilidade a uma faixa mais ampla de público. Jair Almeida, proprietário do D'Paula Club, considera que o festival serve “para motivar os lambadeiros, as bandas e o público do lambadão, ou seja, para as bandas mostrarem o que têm de melhor”. Uma noite de lambadão contempla várias bandas, mas um festival, na visão de Jair Almeida, é a representação do lambadão como categoria social, engrandece o gênero, pois é um evento no qual encontram-se as melhores bandas.

Considerações finais

A coleta parcial de depoimentos sobre a emergência do lambadão como gênero musical popular urbano na Baixada Cuiabana permite montar uma versão de como funciona um circuito que se pode considerar simultaneamente cultural e comunicacional. A partir de depoimentos de atores sociais envolvidos, monta-se uma versão de como funciona a emergência e a proliferação de um movimento cultural, tendo com base um gênero de música popular.

A história do lambadão, ou ao menos uma versão que se atualiza a partir de versões

⁵ Fonte: flyer de divulgação do festival.

contadas por alguns de seus participantes diretos, permite perceber os modos de funcionamento da cultura popular urbana no diálogo com as tradições. No caso do lambadão, trata-se dos modos como este gênero manteve historicamente forte relação com as inúmeras festas de santo que proliferam no inverno brasileiro.

Quanto tempo é necessário para que algo seja considerado deste ou daquele lugar? No caso do lambadão, as influências dos processos migratórios e as contaminações culturais entre as diversas regiões do país necessariamente precisam ser consideradas na emergência de um gênero que, não sendo ainda tradicional, é, desde já, tipificado como mato-grossense. Isto se dá na medida em que a Grande Cuiabá, que hoje beira os 900 mil habitantes, passa a exercer função de pólo urbano que captura, põe em relação e recria informações de outros centros urbanos do país.

Em tempos de cibercultura e de economia da informação, o lambadão institui-se na paisagem cultural da Baixada Cuiabana como gênero musical que, conforme apontam dos dados, aprende-se de modo autodidata. Tem, como elemento condicionante, o consumo de instrumentos musicais e as experiências de aprendizagem informal.

Parcerias que envolvem simultaneamente relações de amizade e afinidades artísticas sugerem também modos de funcionamento que agenciam a produção da vida subjetiva através da música. De José Moraes e Chico Gil às inúmeras bandas, muitas já extintas e muitas outras ainda em plena atividade, o lambadão se reinventa tendo a Grande Cuiabá como centro urbano que captura, processa e dispersa as informações deste gênero musical que, dialogando com as tradições do folclore, tornou-se um dos movimentos populares mais significativos na paisagem cultural de Mato Grosso nos últimos anos.

Em certa medida, conectado a realizadores de festas de santo e a empreendedores que apostaram na potencialidade do gênero em processo de invenção, os músicos de lambadão produziram um circuito de casas especializadas e de eventos que, apesar da inconstância e das agendas nem sempre muito regulares, constituíram um território cultural, necessariamente atravessado por uma dinâmica comunicacional.

Das iniciativas individuais de José Moraes ao movimento que hoje anima o circuito cultural e comunicacional do lambadão, infere-se, a partir do legado teórico de Luiz Beltrão, que organização política se dá também não apenas nos partidos e nos sindicatos, mas também nos

modos como a sociedade civil, a partir de seus próprios modos de compreensão e lida com a realidade social, dá-se conta de instituir-se no mundo.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

_____. *Folkcomunicação: Teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

_____. *Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BOSI, A. (org.). *Cultura brasileira: Temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CARNEIRO, E. *A sabedoria popular*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

FERNANDES, F. *O folclore como questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GARCIA CANCLINI, N. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

HABERMAS, J.. *O discurso filosófico da modernidade: Doze lições*. Trad. Luiz Sergio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LARAIA, R. de B. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005. 18ª edição.

LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

NEGRI, A.; LAZARATTO, M. *Trabalho imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

_____. *Românticos e folcloristas e Cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1992.

Discografia

BANDA ESTRELA DALVA. Direção de Julio Cesar. Cuiabá: Estúdio Digital Terra, 1998, 1 CD.

Entrevistas

Entrevista com Orival Bini: 02 de outubro de 2009.

Entrevistas com Gisa Barros: 14 de agosto de 2009 e 09 de setembro de 2009.

Entrevista com Jair Almeida: 15 de setembro de 2009.

Entrevistas com José Moraes: 04 de agosto de 2009 e 10 de setembro de 2009.